



Bruno Simão

A esquerda também pagou o preço da sua ligação permanente ao Estado como solução para todos os problemas sociais. Por isso, a crise do Estado é a crise da esquerda.

agir dominante no quadro do Estado-Nação, não tem conseguido responder a este desafio da globalização e muito menos salvaguardar aquela que foi a sua grande bandeira civilizacional, o modelo social europeu. São efeitos devastadores que a globalização de processos, de fluxos e de relações tem vindo a ter sobre este mundo. Porque o triunfo do mercado, na sua versão global e mais radical, sobre um Estado-Nação cada vez mais depauporado nas suas funções, competências e poderes, criou mais problemas à esquerda do que à direita, uma vez que o Estado sempre foi mais valorizado pela esquerda do que pela direita. E, portanto, a sua crise é, também organicamente, mais a crise da esquerda do que da direita.

E a felicidade, de que tanto se fala no livro, porque é que a esquerda sempre se esqueceu dela no discurso político?

Foi uma proposta do Carlos Zorrinho. Tem a ver com a diferenciação entre a es-

querda e a direita. A esquerda tem uma visão da felicidade, sempre foi muito diabolizada como se fosse uma coisa do foro do íntimo, e não é verdade. Os liberais americanos falam dela na declaração de independência. É um valor a preservar. Esse é o registo liberal original. Os liberais são os pais do nosso modelo. Têm uma concepção privativa da felicidade como têm da liberdade. A esquerda tem de pensar que a felicidade tem de ser remetida ao indivíduo. Sem o indivíduo como motor de felicidade, não há felicidade possível. A felicidade colectiva é uma falsa felicidade. É uma infelicidade. Tal como o modelo ermita. A esquerda moderada introduz aqui uma nuance, com o “aport” do Estado Social e dos bens públicos. A ideia de felicidade está, na óptica da esquerda moderada, ligada ao Estado Social. Mas, na realidade, o centro é o indivíduo. E sabe-se que a esquerda nunca gostou muito do indivíduo.

Quando se fala da esquerda, não pode deixar

de se falar do Estado Social. Como se ele fosse a única bandeira de diferenciação face ao modelo dos mercados globais...

Um dos temas que percorrem o livro todo é o do Estado Social. O Luís Amado diz que temos uma dicotomia que funcionava a desfavor da esquerda, e que é a do mercado/Estado. O mercado impôs-se ao nível global. Estamos quase todos sobre o ferrete do mercado. A esquerda democrática aceitou o mercado, mas sempre valorizou mais o Estado. Mas, nesta dicotomia, o Estado perdeu porque a força do mercado na era da globalização foi muito superior, e de tal forma o foi que condicionou o Estado nacional, que ficou com poucas alavancas. A esquerda também pagou o preço da sua ligação permanente ao Estado como solução para todos os problemas sociais. Por isso, a crise do Estado é a crise da esquerda. A crise promovida pelos mercados acabou por atingir, por esta via, a esquerda porque sempre se associou a um ser que se foi fragilizando. **W**